

# 2000-2010 em 3x4

## Triologias perspécticas com E de Ensaio

**2000-2010 em 3 x 3 + 1: “Antelóquio”, “Grandes Angulares”, “Grandes Planos” e “No ensaio”. O ensaio literário nacional da moldura à focal analítica.**

<sup>1</sup> Zygmunt Bauman. *Europa: uma aventura inacabada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, pp.16-18.

### ANTELÓQUIO...

...do balanço d’ *o género intranquilo* (João Barrento, 2010) quiçá gerado na própria inquietação da Europa que se sente *uma aventura inacabada* (Zygmunt Bauman, 2004) e que faz “da própria cultura um objecto da cultura” “que se alimenta de questionar a ordem das coisas - e de questionar a maneira de questioná-la”<sup>1</sup>, Europa-*jangada de pedra* cujos Prometeus e Odisseus se tornaram “gigantes” já “grisalhos” assistindo, impotentes, à ascensão de potências económicas mais jovens, pujantes, e cada vez mais incapazes de “pensar a longo prazo” e de “[se] orientar[em] à longa distância”<sup>2</sup>, mais *intranquilos* na sua crise de identidade. Género de “cálculo e asas” (Hölderlin) desenvolvido nas fissuras e nos sismos das *placas tectónicas* da doxa e da criação...

1. Fim de século e de milénio, início de novos... tempo de balanço, de crise, de mudança de ciclo e de gerações, alteração da cartografia nacional.

Portugal sente-se uma *Alice no País das Maravilhas* entre a tradição da vocação de além-mar e a necessidade de inscrição no velho continente, ele mesmo clivado por fracturas e pela heterogeneidade que tenta re-ordenar para enfrentar o desafio do futuro, mas crispado pelo sentimento da decadência do projecto que o impulsionou: protagonista de uma História expansionista, regressara às fronteiras originais para enfrentar a multiculturalidade intensificada em reduzido espaço e tentou transformar as fronteiras perdidas em mapa simbólico, imaginário e concebido nos (des)afectos, na língua e na História comuns<sup>3</sup>, ao mesmo tempo que reforçou os laços com um centro de que se sente periferia, procurando, também, reforçar pontes entre os mundos peninsular e eslavo. E o ciberespaço é outra dimensão, outro universo...

Como pano de fundo, a globalização dilui fronteiras e desenha a sua caminhada num conceito de *universalidade* que excede identidades construídas e fronteiras reconhecidas e faz sentir a ameaça de diluição. Os princípios ‘universais’ vertem-se, ao longo do século, em declarações<sup>4</sup>.

2. Integrado na CEE ainda em final de século, Portugal acolheu em Março de 2000 a definição da Estratégia de Lisboa pelo Conselho Europeu, com objectivos até 2010, revista em 2005.

O Euro, moeda comum aos Estados-Membros participantes na UEM, criado em 1999, substitui efectivamente o escudo português já no novo milénio, impondo-se como simbólica resposta ao questionamento da Europa sobre si própria, inquietação que lhe marca a sua cultura, segundo Zygmunt Bauman (*Europa: uma aventura inacabada*, 2004), e cuja diversidade de projectos de ideias foram tema de debate no Congresso Internacional

<sup>2</sup> Idem, p. 22

<sup>3</sup> A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

<sup>4</sup> A “Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias” (1992) dá origem à “Declaração Universal dos Direitos Linguísticos” (1996), emolduradas por outros textos de princípios e acções subsequentes: “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (1948), “Declaração sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas” (1992), a “Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia” (2000), as instituições, comissões e os “Materiais Educacionais” e de “*Advocacy*” ([http://www.hrea.org/index.php?doc\\_id=700](http://www.hrea.org/index.php?doc_id=700)) que delas relevam, para não mencionar mais.

<sup>5</sup> [Http://www.tu-chemnitz.de/phil/europastudien/swandel/europe/index.php](http://www.tu-chemnitz.de/phil/europastudien/swandel/europe/index.php).

<sup>6</sup> [Http://www.cplp.org/Default.aspx?ID=241](http://www.cplp.org/Default.aspx?ID=241). A Declaração Constitutiva e os Estatutos da CPLP são ratificados pelos diferentes países membros entre 1997 e 2002. Os Estatutos são objecto de sucessivas revisões: São Tomé (2001), Brasília (2002), Luanda (2005), Bissau (2006) e Lisboa (2007).

<sup>7</sup> Assinado entre Portugal e o Brasil em 1945, só foi implementado em Portugal.

<sup>8</sup> Refiro-me à que se cristaliza na existência e no programa de acção do Instituto Camões.

<sup>9</sup> Palavra proposta pelo politólogo Rudolf Kjellén, no início do século XX, inspirado pela obra de Friedrich Ratzel, (*Politische Geographie* (Geografia Política), de 1897). O conceito tem longa e sinuosa história (de Aristóteles a Maquiavel e a Montesquieu, passando por tantos e diversos contributos), mas a actualidade complexificou-a e conferiu-lhe dimensão interdisciplinar com a perspectiva dos jogos de poder à escala mais globalizante e com a sua relação e inscrição territorial.

<sup>10</sup> Cf. *Plano de Acção para a Promoção, a Difusão e a Projectão da Língua Portuguesa* (I Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial – Brasília, 2010).

<sup>11</sup> Benedict Anderson. *Comunidades Imaginadas – Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

“Ideias de/para a Europa” (2009)<sup>5</sup>, sob o patrocínio do Presidente da Comissão Europeia, que nele recebeu o *honoris causa* (significativamente, na cidade-modelo de um ideário ultrapassado: Chemnitz, ex-Karl Marx Stadt): *A Europa em busca de si própria. O Árduo Combate do Euro* (1998), de Rogério Martins, etc.

O processo de Bolonha encerra o milénio: a partir da Declaração de 1999, a Europa comunitária trabalha na construção de um “espaço europeu de Ensino Superior” globalmente harmonizado, alicerce de um espaço comum europeu de ciência e de Ensino Superior à escala europeia e intercontinental. O ensino e a investigação científica reestruturam-se, promovendo, pela base, outra, nova sociedade, comunidade alargada, declaradamente mais fraterna.

Em contra-corrente: o estado social ou “estado providência” experimenta profundos abalos sísmicos de que resultam a precarização do contrato laboral, a crise de emprego e financeira, a ameaça da perda da segurança social, a circulação de pessoas com o conseqüente agravamento da crise da família/casal como célula de reprodução sócio-cultural e o sentimento de um desmoronar do mundo...

3. Por outro lado, a CPLP constitui-se em 1996 e “assume-se como um novo projecto político cujo fundamento é a Língua Portuguesa, vínculo histórico e património comum dos Oito”<sup>6</sup>.

A ideia de um acordo ortográfico entre os países de língua oficial portuguesa atravessa o século XX<sup>7</sup> e concretiza-se no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, subscrito pelos países da CPLP e objecto de intensa polémica, sinal do sentimento de patrimonialidade simbólica nela representada, mas também de uma mudança de paradigma: a *política da língua* de um país<sup>8</sup> cede à convicção da necessidade de uma *geopolítica da língua*, de acção concertada entre associações de países, blocos que se legitimam política, cultural e/ou economicamente. Na primeira década do novo milénio, é tempo de *redesenhar* o IILP, pluricêntrico, e, em Portugal, *refunda-se* o Instituto Camões, cria-se um Fundo da Língua Portuguesa e pondera-se a sua internacionalização<sup>10</sup>.

## GRANDES ANGULARES

A primeira década do novo milénio denuncia, pois, uma angústia identitária relevando de transformações políticas, geoestratégicas, sociais, culturais e económicas, que se exprime na *re-cartografia territorial* em diversas áreas do pensamento, angústia dissimulada, no início, pela perspectiva *construtora, empreendedora*, esperançosa.

Nos mapas do novo milénio, percebe-se a preocupação de inscrição no passado do olhar prospectivo, muitas vezes sombreado de apreensão tendendo a beirar o pânico, outras vezes, evitando-o pelo modo como se centra no trabalho reflexivo da área disciplinar.

Obras de referência desenham as coordenadas identitárias da cultura portuguesa in-fluindo, por isso, nas diferentes áreas da reflexão e da criação...

### 1. Da Lusofonia

A Lusofonia define-se, emergindo da escrita que lhe foi exprimindo a experiência da viagem e do ânimo que a soprou. E chega a traçar o seu percurso na bibliografia do mesmo autor, que a vectoria, ou na passagem do testemunho. Ou a constituir em 2008 um Observatório da Língua Portuguesa (<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt>) que dá visibilidade a essa “comunidade imaginada”<sup>11</sup> e à vida e estudo da língua partilhada, património de mais de 240 milhões.

Exemplar do primeiro dos casos é Fernando Cristóvão, que, na experiência nacional da *viagem*, grafa o itinerário da literatura que a exprime e da emergência da Lusofonia que dela resulta em obras por ele coordenadas ou de sua autoria: *O Olhar do Viajante – dos Navegadores aos Exploradores* (coord., 2003), *Dicionário Temático da Lusofonia* (coord., 2005, 2.<sup>a</sup> ed. 2007), *Da Lusitanidade à Lusofonia* (2008), *Literatura de Viagens: da Tradicional à Nova e à Novíssima – Marcas e Temas* (coord., 2010).

E o mapa vai-se reforçando entre a perspectivação mais genérica e a mais centrada em autores ou territorialidades (afinidades, relações, migrações, história comum) em tempo de globalização. Dentre outros, e para mencionar três, de diferentes projectos e registos: António Braz Teixeira contribui com a sua reflexão sobre a *razão atlântica* (*Formas e Percursos da Razão Atlântica*, 2001), José Eduardo Franco, coordenando *Entre a Selva e a Corte* (2009), abre

inauguralmente a ponte editorial entre aquém e além-mar, como a personalidade que trata e que cerziu um tema e um mito dessa história (o P.<sup>c</sup> António Vieira), Onésimo Teotónio Almeida encerra a década com o seu balanço de quarenta anos de *reflexi-vivência* intercultural (*O Peso do Hifen. Ensaios sobre a Experiência Luso-Americana*, 2010), demonstrando o ‘hífen’ nos casos, na teoria, nos dados estatísticos.

Exemplo do segundo caso é o *Dicionário de Literatura – Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana, Estilística Literária*, obra dirigida por Jacinto do Prado Coelho e sucessivamente reimpressa e reeditada, que vê os volumes de actualização coordenados por Ernesto Rodrigues, Pires Laranjeira e Viale Moutinho abrirem o milénio (2002-2003).

## 2. O sopro utópico

A transição entre milénios também se faz bafejada pela utopia revisitada que a Lusofonia vem, de certa forma, revitalizar.

Realizações individuais que perscrutam autores, géneros e o tema: *Do Espírito da Utopia* (2007), de José Eduardo Reis, *Profetismo e Espiritualidade. De Camões a Pascoaes* (2007), de Maria Luísa de Castro Soares, *A Utopia do Quinto Império e os Pregadores da Restauração* (2007), de João Francisco Marques, para apenas colher exemplos do mesmo ano.

E também o fazem realizações colectivas e conviviais, de que é paradigma a revista *Nova Águia. Revista de Cultura para o Século XXI* (com 6 números entre 2008-2010), homenageando a sua antecessora e assumindo um programa de construção de “um novo Portugal”, “um novo mundo lusófono” e “um novo mundo”, sob o impulso de Paulo Borges e de um vasto grupo, norteada por um “Manifesto” e com visibilidade *on line*<sup>12</sup>. Também o PNL – Plano Nacional de Leitura<sup>13</sup> exprime esse esforço construtor e formativo, cívico e comunitário, agregador e impulsionador.

## 3. As grandes angulares estruturantes

Toda a reflexão cultural e estética emerge como palácio sobre fundações de uma arquitectura revisora, refundadora: histórias e dicionários definem-lhe as coordenadas matriciais.

As Histórias de Portugal de José Mattoso e de Rui Ramos fazem a ponte entre milénios e gerações académicas em simbólica passagem do testemunho de coordenação de grupos de historiadores. E a *História da Vida Privada em Portugal* (2010), coordenada por José Mattoso, evidencia a face íntima da comunidade.

Ao lado, outras coordenadas se (re)definem: a ‘longa-metragem’ *História do Pensamento Português* (1999-2004), por Pedro Calafate (coord.), a ‘curta-metragem’ *O Essencial sobre a Filosofia Portuguesa* (2008), de António Braz Teixeira, que também nos oferece a *História e Filosofia do Direito Português* (2005) e *A Filosofia da Saudade* (2007). Guilherme d’Oliveira Martins reforça os alicerces identitários nacionais revendo-os na sua reinscrição globalizante com *Portugal, Identidade e Diferença* (2007) e *Património, Herança e Memória. A Cultura como Criação* (2009).

Monumento dicionarístico é o *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal* (2010), dirigido por José Eduardo Franco, José Augusto Mourão e Cristina da Costa Gomes, de que é secção autónoma o *Dicionário Histórico das Ordens, Institutos Religiosos e outras formas de Vida Consagrada Católica em Portugal* – com uma “Cronologia da História da Vida Consagrada” em CD – (2010), obra coordenada por José Eduardo Franco, sob cuja coordenação se preparou o magno Congresso Internacional “Ordens e Congregações Religiosas em Portugal. Memória, Presença e Diásporas” (Fundação Gulbenkian, Lisboa, de 2 a 5 de Novembro de 2010), onde o debate encerrarou o ano.

Também na Arte se revêem os mapas, abrangentes e relacionantes: a *História da Arte – Ocidental e Portuguesa, das Origens ao Final do Século XX* (2006) e a *Arte Portuguesa* (2010), de Ana Lídia Pinto, Fernanda Meireles e Manuela Cernadas Cambotas, a *História das Artes Visuais no Ocidente e em Portugal* (2004), de Paulo Simões Nunes, *Artes Plásticas e Literatura do Romantismo ao Surrealismo* (2003) e *História do Pensamento Estético em Portugal* (2009), de Fernando Guimarães, a *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (2010), de Salwa el-Shawan Castelo-Branco, etc., sinalizam bem essa tendência de sistematização.

Eis, pois, matéria para ‘retratos de grupo’: *Comunidades Imaginadas: Nações e Nacionalismos em África*, (2008), co-coordenado por Luís Torgal, *Nação e Identidades. Portugal, os Portugueses e os Outros* (2009), coordenado por Hermenegildo Fernandes e outros, etc.

<sup>12</sup> [Http://novaaguia.blogspot.com/](http://novaaguia.blogspot.com/).

<sup>13</sup> Com duas etapas previstas: 1.ª fase de 2007 a 2011; 2.ª fase a partir de 2012 (<http://www.planacionaldeleitura.gov.pt/pnlvt/>). O PNL expande-se à Lusofonia através do protocolo com o OLP (2009) e das acções subsequentes.

Complementarmente, observam-se relações com o exterior (caso de *Europa de Leste e Portugal. Realidades, Relações e Representações*, 2010, coordenado por José Eduardo Franco, Teresa Pinheiro e Beata Elzbieta Cieszyńska, volume inaugural de uma colecção “Biblioteca Ibero-Eslava”, e, de outro ângulo, *O Euro e o Futuro de Portugal e da União Europeia*, 2010, de José Renato Gonçalves).

Em contra-luz, começando a sistematizar o pensamento que se define pela negativa, pela oposição, *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal* (2009), coordenado por José Eduardo Franco e António Marujo, anuncia reflexão de grupo a desenvolver.

## GRANDES PLANOS

### 1. Focais de autores, textos, acontecimentos e personalidades

É com estas molduras que o biografismo desenvolve os seus retratos dos Reis de Portugal, num discurso, muitas vezes, associando a historiografia, a arte e a ficção, outras vezes, vocacionado para o grande público.

Galerias de livros, como a colecção dirigida por Roberto Carneiro e a de DVDs coordenados por Joaquim Veríssimo Serrão. Também as Rainhas se perfilam. E figuras da República, do Regicídio, etc.

Ao lado do traço rigoroso do historiador, desenvolve-se diversificada ficção, especulando sobre hipóteses ou insinuando-as nas lacunas e nos silêncios da História, elaborando as suas sombras. E a vinculação nacional reforça-se na sua estratégia europeia.

Em plena década, José Mattoso mergulha nas brumas do mito do fundador, procurando a vera face de *D. Afonso Henriques* (2007), acabando por constatar o modo como no corpo do herói se desenham as cicatrizes da História da Nação... matéria para os múltiplos romances históricos que lhe consagram uma ala especial nessa galeria dos nossos heróis e mitos.

E Nun'Álvares é figura também polarizadora de comemorações (2009), destacando-se a *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável e suas Descendências*, de Rodrigo Mendes Silva Lusitano (2010), com estudo de Fernando Cristóvão e *fac-símile* do original, inaugurando uma colecção (“Símile”) e uma nova perspectiva da sua importância no quadro europeu: a do patriarca de uma descendência que domina as casas reais e imperiais europeias até à decadência e queda da Monarquia.

### 2. Vocalizações em tempo de crise: entre a consonância e a dissonância, entre gerações

Em tempo de crise, revisitam-se autores e revêem-se linhagens, entre gerações.

No centro, Pedro Calafate e outros dão a ver um *Portugal como Problema* (2006), antologando textos numa travessia de séculos.

Representando a consonância entre gerações, Eduardo Lourenço e Miguel Real decretam, respectivamente, *A Morte de Colombo. Metamorfoses e Fim do Ocidente como Mito* (2005) e *A Morte de Portugal* (2007). Carlos Leone, com *Portugal Extemporâneo* (2007), perscruta-lhe a paisagem e José Gil confronta-nos com *Portugal, Hoje – O Medo de Existir* (2007).

### 3. Ao ritmo de comemorações

As comemorações ritmam e sintonizam a memória colectiva e a produção científica: Eça de Queirós, António Vieira, Camilo, Eduardo Lourenço... e a instauração da República!

A produção reflexiva e artística dialogam, às vezes, na escorrência da pena do mesmo autor e a multiplicação de encontros e de debates regista altos níveis de ocorrências. Duas figuras se agigantam neste trânsito de milénios: José Eduardo Franco e Miguel Real.

Miguel Real é um caso notável desse fenómeno de associação de diferentes registos e de investigação e produção: por exemplo, 2008 é tempo dedicado, em especial, a Eduardo Lourenço, com o premiado *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008) e com a co-organização do Congresso Internacional “Eduardo Lourenço – 85 anos” (2008), mas também ao Padre António Vieira, ensaisticamente tratado (*Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*, 2008), ficcionado (*O Sal da Terra*, 2008), dramatizado em conjunto com Filomena Oliveira (*Vieira – O sonho do Império*, 2008) e celebrado em congressos comemorativos dos seus 400 anos no que ficou designado como “ano vieirino”.

Outra personalidade de espantosa investigação, produção, coordenação de iniciativas

internacionais e intergeracionais é José Eduardo Franco: das obras monumentais (referidas acima e abaixo neste texto), à edição de texto com estudo e notas, às de sua exclusiva autoria, marca a reflexão cultural nacional da década e impõe a perscrutação dos mitos históricos e da sua função estrutural na nossa cultura: d' *O Mito de Portugal. A Primeira História de Portugal e a sua Função Política* (2000) ao duplamente volumoso *O Mito dos Jesuítas em Portugal (séculos XVI-XX)* (2005) com simultânea tradução francesa, à inúmera bibliografia dirigida ou coordenada (de *Fé, Ciência, Cultura. Brotéria – Cem anos, 2003*, a *As Metamorfoses de um Polvo*, 2004, até às obras monumentais já mencionadas).

Quando ambos se juntam com outros, o resultado é de inquestionável transversalidade científica e vitalidade, como se pode constatar nesta revista, *Letras com(n)Vida* (iniciada em 2010), associada à Tertúlia com o mesmo nome<sup>14</sup> e ao anúncio, em contracapa, de outras iniciativas (cursos, seminários, cadernos, etc.), aberta em convite de máxima abertura em *site* próprio<sup>15</sup> e com “Manifesto” programático, ao lado da sua radicação em centro de investigação da academia (CLEPUL) em parceria com uma editora.

## NO ENSAIO, EM GERAL

1. No plano ensaístico, evidencia-se a produção académica: as dissertações marcam a sua posição no campo editorial, dando visibilidade ao trabalho realizado no quadro universitário e politécnico...

Também aqui, em início da década, se faz um ponto da situação retrospectivo e prospectivo de diversas áreas disciplinares (Filosofia, Sociologia, História, Física, Biologia, Antropologia, Estudos Culturais, Economia, Ciência Política, Psicanálise e Matemática): *Conhecimento Prudente Para Uma Vida Decente* (2003), obra dirigida por Boaventura de Sousa Santos e transversal à reflexão e à investigação científicas.

A interdisciplinaridade e a transversalidade reflexivas e temáticas documentam-se em iniciativas diversas: *Jardins do Mundo* são tema de Congresso Internacional (2007) vertido em obra monumental (2008, coordenada por José Eduardo Franco), que atravessa da arte aos mitos e à ecologia.

E, em cada área, registam-se marcos da sua indagação, no plano teórico, da análise e da edição de textos do seu cânone bibliográfico.

2. Vejamos alguns exemplos nos estudos literários.

Além de obras de referência já mencionadas (dicionários), desenvolve-se sistematização e problematização teórica: de *Em Teoria (A Literatura)* (2003), de Manuel Frias Martins, a *A Respeito da Crítica Literária e Não Só* (2009), de Laura Bulger. Restringindo o campo de abordagem: *A Lógica do Incerto. Introdução à Teoria da Novela* (2001), de Cristina Robalo Cordeiro, *A Construção da Personagem Romanesca* (2008), de Cristina da Costa Vieira, etc.

3. Circunscrevendo-nos ao estudo da Literatura Portuguesa, oscila-se entre a evocação sistematizante da memória e a análise dos contemporâneos.

No primeiro caso, refira-se a edição (crítica) de textos (nem sempre obras completas): do P.<sup>o</sup> António Vieira (coordenada por Arnaldo Espírito Santo: Livro III de *Chave dos Profetas*, 2001, e *Sermões-I*, 2008), de Almeida Garrett (coordenada por Ofélia Paiva Monteiro: *Viagens na Minha Terra*, 2010), de Eça de Queirós (coordenada por Carlos Reis desde 1992), de Fernando Pessoa (coordenada por Ivo de Castro desde 1984) e de António Lobo Antunes (*ne variatur*, coordenada por Maria Alzira Seixo, trabalho explicado na *Memória Descritiva da Fixação do Texto Para a Edição Ne Varietur...*, 2010).

Muitas vezes, esse trabalho de edição é acompanhado pelos estudos que o iluminam. António Lobo Antunes por Maria Alzira Seixo (*Os Romances de António Lobo Antunes*, 2002, *Dicionário da Obra de A. Lobo Antunes*, 2008), por Ana Paula Arnaut (*António Lobo Antunes*, 2009), por estudiosos em congresso (*A Escrita e o Mundo em António Lobo Antunes*, 2003), pela fotobiografia (de Tereza Coelho, 2004), por entrevistas (*Conversas com António Lobo Antunes*, 2002, de Maria Luisa Blanco, *Entrevistas com António Lobo Antunes*, 2008, de Ana Paula Arnaut, *Uma Longa Viagem com António Lobo Antunes*, 2009, de João Céu e Silva). Fernando Pessoa passado em revista por António Apolinário Lourenço (*Fernando Pessoa*, 2009) e com nova versão do *Livro do Desassossego* (2009) por Teresa Sobral Cunha, que também revê Cesário Verde em *Cânticos do Realismo* (2007), etc.

Também mestres marcantes são homenageados por aqueles que lhes sucedem. O P.<sup>o</sup> Ma-

<sup>14</sup> Sobre ela, remetemos para a notícia da sua realização no número 1 da *Letras ComVida* e para o *site* e *blog* correspondentes: <http://sites.google.com/site/tertulialetrascomvida/> e <http://tertulialetrascomvida.blogspot.com/>.

<sup>15</sup> V. <http://sites.google.com/site/revistalettrascomvida/>.

<sup>16</sup> A partir de 2007.

<sup>17</sup> [Http://www.iecc-pma.eu/apresentacao.asp](http://www.iecc-pma.eu/apresentacao.asp).

<sup>18</sup> [Http://artes.ucp.pt/](http://artes.ucp.pt/guerrajunqueiro/)  
[guerrajunqueiro/](http://guerrajunqueiro.wordpress.com/); [http://](http://guerrajunqueiro.wordpress.com/)

nuel Antunes, em múltiplas e magnas iniciativas: com o Congresso “Padre Manuel Antunes: Interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia” (2005) vertido em volume-“herança” (2007), a edição da sua monumental Obra Completa<sup>16</sup>, incluindo um DVD com depoimentos, a fundação do Instituto Europeu de Ciências da Cultura “Padre Manuel Antunes”<sup>17</sup>. Fernando Cristóvão e Jacinto do Prado Coelho, em jornadas e volumes que as coroaram: *Homo Viator (Estudos em homenagem a Fernando Cristóvão)* (2004) e *O Domínio do Instável. A Jacinto do Prado Coelho* (2008).

As efemérides estimulam edições consagradas a autores e a temas: Eça, Junqueiro, a República, etc.

Eça de Queirós é sucessivamente estudado na abertura do século: A. Campos Matos publica o *Suplemento* (2000) ao *Dicionário de Eça de Queirós* e a *Correspondência* (2008), fotobiografa-o (2007) e biografa-o (2009, com Prémio Jacinto do Prado Coelho a encerrar a década), observa *A guerrilha literária: Eça de Queirós-Camilo Castelo Branco* (2008), Carlos Reis dedica-lhe *A Escrita do Mundo* (2000), *O Essencial sobre Eça de Queirós* (2000), Isabel Pires de Lima coordena *Retratos de Eça de Queirós* (2000) e o itinerante e coloquante “Eça entre Milénios: Pontos de Olhar” (2000), Maria Filomena Mónica publica *Eça de Queirós* (2001).

*Camilo Castelo Branco: Memórias Fotobiográficas* (2009), por José Viale Moutinho, enquadrado por edições de colecções de obras camilianas, entre a ambição novecentista de Justino Mendes de Almeida (Lello & Irmão) e a selecção coordenada por Aníbal Pinto de Castro (Edições Caixotim), recentemente falecido, é outra personalidade revelada.

Guerra Junqueiro, em tempo de centenário do nascimento e de implantação da República, é retratado, analisado e matéria de exposição do projecto “Revisitar/Descobrir Guerra Junqueiro”<sup>18</sup>, inovador e multifacetado, dirigido por Henrique Manuel Pereira, que associa centros de investigação e outras instituições: da edição de *A Música de Junqueiro*, com CD, (2009) a *A Lágrima* (2010), passando por uma exposição itinerante (*Guerra Junqueiro: de Freixo para o Mundo*, 2010) e por um livro de entrevistas (*A Volta de Junqueiro, Vida Obra e Pensamento*, 2010).

E há as habituais travessias de autores e de obras em volumes de ensaios que perspectivam a diversidade, de que apenas darei três exemplos, para encerrar com o número com que abri este texto: o ‘tríptico’ de Eduardo Pitta (*Comenda de Fogo*, 2002, *Metal Fundente*, 2004, *Aula de Poesia*, 2010), o de Pedro Eiras (*Esquecer Fausto*, 2005, *A Moral do Vento*, 2009, *A Lenta Vólupia de Cair*, 2007), e *Jorge de Sena e Camões – Trinta Anos de Amor e Melancolia* (2009), primeiro Grande Prémio Ensaio “Eduardo Prado Coelho” da Associação Portuguesa de Escritores (2010), da autoria de Vítor Aguiar e Silva, ele próprio prémio “Vida Literária” da APE (2007).

\* \* \*

Encerro aqui um balanço incompleto e em que preferi ensaiar a *cartografia* do território que me foi proposto (reflexão sobre as coordenadas), em vez da *topografia* (a análise dos seus acidentes, relevos ou o seu contrário). Por isso, inquietante para mim.

A ensaística literária de uma década edifica-se sobre alicerces reflexivos que nela mesma ou na viragem do século se elaboraram, caldeada nos encontros científicos e com escritores, no ensino, na crítica, nos prémios, nas instituições onde ela é matéria de trabalho. Mas a arquitectura radica-se e eleva-se, escapando à geometria descritiva e aos pilares mais evidentes.

**A Letra (esta e a evocada) inscreve-se na tradição e projecta-se no futuro, com(n)Vidativamente...** ▾